

CADERNOS DO CEIS20

AS RELAÇÕES JUGOSLAVO-PORTUGUESAS (1961-78)
NOS ARQUIVOS DE BELGRADO

N.17, 2011

JORGE SANTOS CARVALHO

E R R A T A

Pág.7 –

...Mais de **quinze** mil páginas

...Belgrado — Arquivo da Jugoslávia (**AJ**) e Arquivo Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros (ADMNE).

... (RTS) e nos **arquivos** da *Filmske Novosti* e da **Radiodifusão** Sérvia. Quanto à imprensa ...

Belgrado, Agosto 2011

Nota rodapé 2) Após a integração do AIBT (2009) ... importante arquivo **fotográfico ficou no Museu** da Jugoslávia.

Pág.8 - nota rodapé 7)

Além do seu presidente Adelino Gwambe, Marcelino dos Santos participou numa reunião como dirigente deste movimento.

Pág.9 -

Eliminar nota rodapé 8 e emendar as seguintes notas com um número menor, passando a nota 9 a 8 e assim, sucessivamente, até à última nota 56 (a 55) do Caderno.

Pág.10 -

N.doT.: Bragança) *casada Blais*»....

Pág.12 –

nota rodapé 16 (15)

... **meses de 1965**», in «*NOTA da conversação com Cunha Rego, membro da Frente Patriótica de Libertação Nacional de Portugal, 7 de Agosto de 1964*», assinada por Dimitríe Babitch (AJ, 507/ IX,103-II).

Pág.15 –

... período das relações jugoslavo-portuguesas...

... o importante acervo do extinto Arquivo...

Pág.17 –

... a F. (N.doT.:França) o...

Pág.27 –

nota rodapé 45 (44)

... os candidatos dos ML [N.doT.: Movimentos de Libertação].

Pág.32 –

...Há ainda a documentação das recepções e...

Quanto à documentação de 1976 a 1978, ...

... centenas de páginas anuais (AJ). Igualmente, procuram transmitir a melhor informação possível

Pág.33 –

Em dois arquivos de Belgrado,

Pág.34 – Falta o Índice

ÍNDICE

Nota de Apresentação.....	7
I — De 1961 a 1974.	8
I. 1 - A FPLN, o PCP e a ASP/PSP	9
I. 1a - Os documentos e arquivos	15

I. 2 - Os movimentos de libertação das colónias portuguesas	17
I. 2a - O MPLA	18
I. 2b - O PAIGC	21
I. 2c - A FRELIMO	23
I. 3 -Os documentos e arquivos.	27

II — De 1974 a 1978. 29

II.1 - Os documentos e arquivos 31

Conclusões 33

.....

UJJ – União da Juventude da Jugoslávia.

Pág.35 –

... de **quinze** mil páginas...

...Over **15** thousand pages...

Pág.36 –

... plus de quinze **mille...**

... de **Serbie...**

CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO SÉCULO XX

CADERNOS DO CEIS 20

JORGE SANTOS CARVALHO

AS RELAÇÕES
JUGOSLAVO-PORTUGUESAS (1961-78)
NOS ARQUIVOS DE BELGRADO

COIMBRA
2011

Os Cadernos do CEIS20 são publicados pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra-CEIS20. Esta publicação, de pequena dimensão, tem por objectivo dar a conhecer resultados parciais ou finais de pesquisas realizadas no âmbito deste Centro e reflectem, por isso, a actividade de investigação efectuada. Os trabalhos publicados têm que ser inéditos e devem incentivar o debate de temas e de problemas do século XX.

Os Cadernos do CEIS20 são sujeitos a arbitragem científica

Coordenação: João Rui Pita

As relações jugoslavo-portuguesas (1961-78) nos arquivos de Belgrado

Autor: Jorge Santos Carvalho

Edição: CEIS20, Coimbra

Telefone: 239 708870 | Fax: 239 708871

E-Mail: ceis20@ci.uc.pt

URL: www.ceis20.uc.pt

Capa: Gonçalo Luciano

Impressão e acabamento: Pantone4, L.da

Depósito Legal: 329061/11

ISBN: 978-972-8627-25-6

Jorge Santos Carvalho – licenciado e mestre em História do Século XX pela Universidade de Belgrado. Doutorando da Universidade de Coimbra, bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia - FCT e Investigador do CEIS20.

Nota de Apresentação

Na continuação da investigação dos dois primeiros períodos das relações jugoslavo-portuguesas (1941-60), apresentados num anterior Caderno CEIS20, a análise do período seguinte (1961-74) pode ser justificado pelos factos e mudanças na história portuguesa, assim como pela existência de uma documentação suficientemente importante para o seu estudo. Também, a partir de 1961, as organizações político-sociais jugoslavas (ASPTJ, LCJ, UEJ e outras¹) restabeleceram as ligações com a oposição antifascista portuguesa (FPLN, PCP e ASP/PSP) e começaram a apoiar a luta pela independência dos movimentos de libertação das colónias portuguesas. Um quarto período (1974-78) abarca o *25 de Abril*, a descolonização e o pós-*25 Novembro*. Mais de dez mil páginas de documentos destas duas décadas do século passado encontram-se em dois arquivos de Belgrado — Arquivo da Jugoslávia (AJ), Arquivo Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros (AD MNE) e Arquivo Iosip Broz Tito (AIBT). Agradecemos, também, os apoios ali encontrados a estas pesquisas e os anexos publicados nestes Cadernos.

Igualmente, é de realçar que a maior parte de outro tipo de documentação (fotografias, filmes e registos televisivos ou sonoros) pertence a estes dois períodos e encontra-se, além dos acima citados arquivos², na Secção de Documentação da Radiotelevisão da Sérvia (RTS) e nos Arquivo da *Filmske Novosti* e da radiodifusão Sérvia. Quanto à imprensa jugoslava, a maior hemeroteca está na Biblioteca Nacional da Sérvia.

Belgrado, Agosto 2009

¹ V. *Siglas Usadas* nas últimas páginas deste Caderno.

² Após a integração do AJBT (2009) no AJ, o seu importante arquivo fotográfico no Museu da Jugoslávia

I – De 1961 a 1974.

Após o encontro (Brioni, 1956) entre Tito, Nehru e Nasser, que foi um dos primeiros passos do Movimento dos Países Não-Alinhados, a sua primeira conferência teve lugar, em Setembro de 1961, na capital jugoslava com a participação de 25 países membros, 3 países observadores e convidados. Nas suas sessões, a descolonização do continente africano ocupou um lugar importante entre os principais assuntos discutidos.

Em Belgrado, duas delegações angolanas (UPA³ e MPLA⁴) assistiram como observadores à citada conferência: a primeira, chefiada por Holden Roberto (então, também conhecido por José Gilmore); a segunda, por Mário de Andrade. Também, estiveram presentes: o PAIGC representado por Amílcar Cabral⁵; a CONCP⁶ por Marcelino dos Santos; e a UDENAMO⁷. Estes contactos iniciaram-se em anteriores reuniões, como em Nova Iorque (na ONU, com Holden Roberto), Tunis (II Conferência dos Povos Africanos, Jan./60), Londres (CONCP, Dez./60), Casablanca (CONCP, Abr./61) e nalgumas embaixadas

³ A primeira delegação (Holden Roberto e Jonas Savimbi) esteve na Jugoslávia de 2 a 7 de Agosto desse ano. Nessa Conferência (1-6/Set.), além destes dirigentes da UPA, estiveram também Johnny Pinnock e (?) Webba (dirigente juvenil e estudante em Viena) e não Weber como, erradamente, aparece neste documento. Diversos documentos sobre estas duas visitas fazem um relato das conversações havidas e das posições políticas da UPA, assim como as suas relações com o MPLA.

⁴ A estada (30Ago./12Set.) dos membros desta delegação (Mário de Andrade e Gentil Viana) foi descrita em pormenor por vários relatórios e notas. Um desses documentos (5 páginas) é uma boa síntese do que fizeram e disseram, assim como uma apreciação destes dirigentes por um (experiente) funcionário político jugoslavo. Este, como a maior parte deste tipo de documentação, não é assinado.

⁵ Encontraram-se só referências à sua presença em documentos posteriores,

⁶ A Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas tinha a sua sede em Rabat. Também, Marcelino dos Santos mereceu uma nota mais lacónica (uma página), escrita por um outro funcionário que não gostou muito do que viu e ouviu deste (futuro) dirigente da FRELIMO. Uma apreciação que se tornou, noutras posteriores visitas, muito mais favorável, considerando-o como um «*homem sério e realista*». Em 1965, era um dos «*líderes nacionalistas africanos mais conhecidos*» e considerado «*o chefe ideológico da FRELIMO*».

⁷ Não foi encontrado o nome do seu representante. Talvez, Paulo Gumane, que esteve em Belgrado (1964).

jugoslavas nos países africanos⁸.

Um ano marcado pelo assassinato de Patrice Lumumba, em que a guerra da independência da Argélia entrou nos seus últimos meses apesar dos atentados da OAS e, em Angola, outra guerra tinha começado. Em Portugal, esse ano de 1961 começou com o assalto do DRIL ao paquete *Santa Maria*, a guerra em Angola — o *4 de Fevereiro* do MPLA e o *15 de Março* da UPA — e terminou com a acção armada da União Indiana e o fim do chamado Estado Português da Índia. Além destes acontecimentos exteriores, houve, entre outros, a tentativa de golpe de Estado (Abril), uma agitada campanha eleitoral para as eleições legislativas (Novembro) e a falhada revolta do quartel de Beja.

I. 1 – A FPLN, o PCP e a ASP/PSP.

Uma das ripostas ao ocorrido durante e depois das eleições presidenciais de 1958 — quando a oposição ao Estado Novo procurou organizar uma certa unidade surgida em redor da candidatura de Humberto Delgado — aparece bem documentada, como foi «a acção do «*Santa Maria*»», na correspondência de algumas embaixadas jugoslavas (Caracas e Rio de Janeiro). Segundo o embaixador na Venezuela, que falou com diversos elementos do DRIL, «a revolta» neste barco teria influenciado o «atear da luta de Angola, particularmente, porque os revoltosos fizeram declarações que tencionavam desembarcar em Angola». Os acontecimentos em redor do começo da guerra mostraram que «Angola saiu do quadro da questão interna de Portugal e tornou-se uma questão de carácter internacional⁹».

Outro dos primeiros traços documentais deste período nos arquivos bel-

⁸ Além do seu presidente Adelino Gwambe, Marcelino dos Santos participou numa reunião como dirigente deste movimento.

⁹ Umas 20 páginas de documentos (cartas e telegramas cifrados) sobre os preparativos e relatos da «primeira grande acção [do DRIL que deveria] chamar a atenção do mundo para a sua luta pelo derrubamento do regime fascista na Península Ibérica». Houve, ainda, posteriores reuniões do embaixador jugoslavo na Venezuela com alguns dos seus dirigentes (excepto Henrique Galvão) da chamada «Operação Dulceia» (*ADMNE, Portugal, F-108, 1961*).

gradenses é o pedido do «*general sem medo*» de um visto jugoslavo (Set./61), quando se encontrava de passagem por Roma, e a sua viagem a Belgrado. Todavia, os poucos documentos relativos à sua estada de «*8-10 dias*», convidado pela Liga da Paz, não dão muitos dados acerca do que fez e com quem falou. Noutros dois pedidos (Jun./62 e Mai./63), apresentados pela «*Sra. Maria Pia De Bragassa (N. doT. Bragança) casada Blais*» em seu nome, a mesma embaixada recebeu instruções do SENE de que não havia «*necessidade de Delgado vir à Jugoslávia. Seus pedidos que a vós os apresente. Nós analisá-los-emos e através de vós responderemos*». No segundo, nem houve qualquer resposta, porque o pedido foi anulado, entretanto, por lhe ter sido recusado o visto italiano.

Através da mesma embaixada jugoslava, Mário Ruivo¹⁰ veio a Belgrado (Fev./62) e estabeleceu as primeiras ligações, ainda em nome da Junta Patriótica Central, com a ASPTJ, que seriam retomadas já pela FPLN, em Argel (Mar./63). Segundo ele: «*[...]a situação para o derrubamento de Salazar amadureceu. Absolutamente, é possível que muito em breve também os americanos comecem com a substituição das suas ditaduras, uma por uma, por governos democráticos. Por isso, é um dever das forças democráticas e antifascistas de aproveitar as condições existentes para a formação de um governo o mais democrático possível e a abertura de um caminho que conduza a mudanças na estrutura do sistema. Este é o objectivo e a essência das actividades da Junta de Acção Patriótica de Portugal*».

No ano seguinte (Mai.-Jun./64), uma outra delegação da FPLN, formada por Fernando Piteira Santos e Tito Morais, esteve na Jugoslávia. Antes, em Argel, estes dirigentes falaram com o embaixador jugoslavo, Níaz Dizdarevi-

¹⁰ Em Roma, trabalhava como funcionário da FAO, o que lhe permitia, como dizia, «*viagens a diversos países europeus*» (AJ, 507/IX,10-V). Anos depois, todavia, como ministro dos Negócios Estrangeiros (Ago./75), disse ao embaixador jugoslavo: «*(clandestinamente estive também em Belgrado, em 1961, tive conversações no CC LCJ e na ASPTJ em nome da frente antifascista portuguesa, em cujo nome enviei também uma mensagem à primeira conferência dos não-alinhados em Belgrado, pela descolonização das colónias portuguesas. Mais tarde, estive várias vezes na Jugoslávia)*» (ADMNE, F-114, Portugal, 1975). Porém, antes deste documento, não encontramos qualquer referência à sua primeira viagem (Set./61), embora o texto da citada «*mensagem*» foi transcrito num memorando da FPLN entregue, em 1963, na embaixada jugoslava na Argélia.

tch, que informou a ASPTJ desta reunião e chamou a atenção «*para o facto que o CC do PC de Portugal participa[va] na Frente e aceita[va] completamente a linha de luta violenta contra Salazar. Isto é importante pela posição totalmente oposta à do PC de Espanha. Talvez, uma das razões seja por causa da luta armada anticolonialista contra Salazar, a atitude de luta da África acerca de Angola, a Guiné portuguesa e Moçambique*¹¹».

Quanto ao PCP, só em Dezembro de 1963, os primeiros passos para novas relações foram efectuados com a entrega de uma carta para a LCJ, datada de Outubro desse ano, na representação diplomática jugoslava na URSS. Depois de 1948 — e do encontro, em Paris, de Álvaro Cunhal com um diplomata jugoslavo —, foi, nesses quinze anos, o primeiro contacto entre os dois partidos comunistas. Todavia, o seu restabelecimento efectivo ocorreu só, em Outubro de 1964, com a visita do secretário-geral do PCP¹² a Belgrado, vindo de Argel. Teve conversações, no CC da LCJ, com V.Vlahovitch (que conheceu, possivelmente, na sua viagem de 1948) e B. Chilhégovitch, depois visitou o Comité da LCJ de Belgrado, «*onde numa conversa com D. Stamenkovitch tomou conhecimento do trabalho das organizações da Liga dos Comunistas. Com os colaboradores da Comissão das Relações Internacionais do CC LCJ e o CF da ASPTJ*¹³, Instituto de Estudos do Movimento Operário e Instituto de Política e Economia Internacionais, falou acerca de Portugal e do trabalho do PC de Portugal e da Frente Patriótica de Portugal».

Nesse ano, mas em Agosto, chegou Vítor Cunha Rego «*[...] com o objectivo de estudar o sistema da autogestão social e trabalhadora*» e, para isso, tinha intenção de passar «*um par de meses na Jugoslávia*», suportando ele as «*questões das despesas de residência*». Pediu, contudo, a ajuda para essa investigação e alojamento, mais um visto de residência para si e sua família. Apesar das três cartas da FPLN — uma delas, assinada por Humberto Delgado —, os pedidos não foram, pelos comentários do dirigente da ASPTJ, muito bem recebidos. Igualmente, foi encontrado só um relatório relativo aos primeiros dias desta sua longa es-

¹¹ AJ, 507/ IX, 103-II.

¹² V. nosso artigo, «*Duas Viagens de Álvaro Cunhal à Jugoslávia*», in *Vértice*, n.º 128, Maio-Junho 2006.

¹³ A Conferência Federal era o órgão directivo da ASPTJ.

tada — três meses depois, recebeu a visita de Emídio Guerreiro —, mas faltam muitos dados sobre esta viagem de estudo. O frio inverno belgradense levou-o a mudar-se para um clima mais ameno, como o de Dubrovnik, donde partiu para Itália. Ali, poucos anos depois, publicou um artigo bastante crítico sobre a situação política e a autogestão jugoslavas¹⁴.

A crise da FPLN, referida por Cunha Rego¹⁵, e as suas consequências bem visíveis na III Conferência (afastamento de Humberto Delgado) foram explicadas por Álvaro Cunhal aos seus anfitriões jugoslavos. Dias depois, ouviram a apreciação de Emídio Guerreiro da citada conferência em que participou, no final de Setembro, na capital argelina. Outro documento sobre esta ruptura foi enviado pela própria FPLN para a ASPTJ. Uma explicação semelhante já não foi encontrada nestes fundos do AJ para as saídas, em 1965, de Tito de Moraes e Ramos da Costa — membros fundadores da ASP (Nov.64) — e, em 1970, de Pedro Soares (representante do PCP). Contudo, no ADMNE, há duas cartas confidenciais da embaixada em Argel, que relatam as reuniões com Pedro Soares (26/Nov./70) e Piteira Santos e Manuel Alegre (11/Dez. /70), onde as duas partes apresentaram as suas razões para essa ruptura.

Durante os anos 60, a FPLN manteve contactos com a ASPTJ através da mencionada embaixada jugoslava na Argélia e cinco delegações visitaram a Jugoslávia. Todavia, não há qualquer nota ou relatório sobre a última visita, quando Manuel Sertório esteve, em Belgrado, como convidado ao IX Congresso da LCJ (Mar. /69)¹⁶. Também, o facto das quatro primeiras terem ocorrido até

¹⁴Publicado numa revista italiana. Não foi possível encontrar dados mais precisos acerca desta revista, talvez, do PSI.

¹⁵«Quanto à Frente, Rego diz que caiu numa certa crise, bastante séria e, pelo que parece, decisiva no aspecto da futura orientação das actividades e acções do movimento. A crise consiste, sobretudo, qual caminho se deverá seguir na seguinte etapa do desenvolvimento da Frente: dever-se-à continuar o alargamento das acções externas diplomáticas ou dar prioridade ao fortalecimento e expansão do movimento no próprio Portugal. Esta pergunta deverá resolver-se no próximo congresso que se realizará dentro de 2 a 3 meses. Rego acredita que o Congresso promulgará a decisão do levantamento da insurreição armada, o que, como parece, a maioria dos membros da direcção é favorável. A insurreição deveria começar no fim deste ano ou, no mais tardar, nos primeiros meses de 1965».

¹⁶Neste Congresso, a única organização política portuguesa presente foi a FPLN.

1966, coincide com um período de afirmação desta organização política. Mais tarde, a sua ausência no interior do país foi assinalada, no início da chamada «primavera marcelista», por um funcionário da ASPTJ que a considerou não ter «possibilidades de maior influência nas bases». Tendo em conta, que o PCP tinha nelas «uma posição dominante [e estava subordinado] aos interesses soviéticos», recomendava «uma ligação com as forças democráticas e socialistas, antes de tudo, no país». Assim, achava que «o Partido Socialista de Portugal [tinha] consideráveis perspectivas, que em condições clandestinas [actuava] no país, conduzido pelo Dr. Mário Soares, conhecido advogado lisboeta e guia dos opositores socialistas ao regime». Em 1970, os conflitos internos da FPLN aparecem só na correspondência desta embaixada (ADMNE), embora, pela sua importância e assunto, cópias destes documentos deveriam existir nos fundos da ASPTJ e LCJ (AJ). Depois, até 1973 (extinção da FPLN¹⁷), mesmo essas cartas foram mais esporádicas.

As ligações da ASPTJ com a ASP (PSP a partir de Abr. /73) deixaram poucos traços documentais, não se encontrando, por exemplo, nem uma carta ou relatório sobre as duas visitas à Jugoslávia por parte de Tito de Morais e Mário Soares (1968 e 1969), que são mencionadas noutros documentos posteriores. Num deles, há uma explicação¹⁸ para os poucos contactos até 1974. Assim, em seguida às primeiras conversações em Roma, «[...] no Verão de 1968, seguiu-se a visita de Mário Soares a Belgrado, que representou também o estabelecimento oficial das relações da ASPTJ com esta formação política. Após um ano (1969), Mário Soares visitou, em companhia do então representante em Roma, Tito de Morais, novamente Belgrado. O fim dessa visita foi para nos pedir apoio para a aquisição de armas, porque tencionavam organizar também acções armadas no país. Não foi satisfeito este seu pedido. Possivelmente foi esta nossa recusa que teve influência nas nossas posteriores

Devido à posição jugoslava em relação à «intervenção do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia» (Ago./68), o PCP não aceitou o convite da LCJ embora tenha enviado uma saudação ao Congresso ("Komunist", 15/Mar./69) que não foi referida no "Avante".

¹⁷ Dando lugar ao Partido Revolucionário do Proletariado (PRP), que incorporou as Brigadas Revolucionárias (BR) surgidas em 1971 e com ligações à FPLN. Uma visita a Belgrado de um seu representante esteve marcada para fins de Abril de 1974.

¹⁸ Numa nota acerca dessas relações, datada de 1978 (AJ, 142, A-167- Portugal).

relações, porque nos anos seguintes não se chegou a encontros mútuos, excepto esporádicos contactos da nossa embaixada em Roma com Tito de Moraes». Porém, este pedido de armas foi apresentado (Fev./70) por Tito de Moraes na embaixada jugoslava em Roma, que o considerou «muito estranho [por] até também contrasta[r] com as suas avaliações da nova situação em P.[ortugal]¹⁹». Um pedido que seria justificado por um posterior relatório (não encontrado). Todavia, em Maio desse ano, devido à ausência de uma resposta, o mesmo dirigente socialista perguntou ao embaixador jugoslavo «se existia a possibilidade de lhes ser concedida uma ajuda monetária em vez de armas».

Voltando às ligações da LCJ com o PCP, alguns meses depois da mencionada visita de Álvaro Cunhal (Out./64), uma delegação, constituída por Francisco Miguel e Pedro Ramos de Almeida²⁰, visitou a Jugoslávia (Jan./Fev.65). Delegação essa que, por coincidência, foi a primeira a ser recebida no novo edifício, conhecido pelo «*Centralni Komitet*», embora além da LCJ outras organizações sociopolíticas ali estivessem instaladas (ASPTJ, UEJ, UJJ e outras). Ficou acordado, então, que todos contactos passariam a ser feitos através da embaixada jugoslava em Moscovo. Depois, só há alguma correspondência assinada por Manuel Rodrigues da Silva e, a partir de 1972, por Jorge Vieira (Carlos Aboim Inglês). Todavia, entre meados de 1968 e 1972, não existem traços de qualquer contacto, nem por ocasião do citado IX Congresso da LCJ (Mar./69).

Depois desta interrupção, em Outubro de 1972, uma visita já marcada para uma delegação do PCP «[...] visitar a Jugoslávia a convite da Presidência da LCJ» foi adiada para Julho do ano seguinte. Segundo um telex da embaixada jugoslava, numa reunião, em Moscovo, entre o «[...] membro do CC PCP, J. Vieira, [...] com um representante da nossa Embaixada», este adiamento foi justificado «com a afirmação que os membros da direcção mais restrita não [podiam] sair do país. Só o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, [viajaria] à URSS para assistir ao 50º.

¹⁹ Este telegrama «*estritamente confidencial*» tem 25 linhas (ADMNE, Portugal, F-249, 1970).

²⁰ Duas semanas antes, tinha estado em Belgrado (12 a 15/Jan./65), em representação da FPLN.

Aniversário da formação da URSS». Igualmente, foi dito que «[...] *Cunhal chefiará segundo todas as probabilidades a delegação*» que iria a Belgrado. Apesar de não haver qualquer documento de 1973 neste fundo da LCJ, que se encontra no AJ, existem diversos documentos no ADMNE sobre essa visita (30/Ago.-4/Set.), onde se considera que «*após muito tempo, este foi também o primeiro contacto oficial LCJ-PCP*». Houve referências na imprensa jugoslava²¹ e no «*Avante*²²». Os seus membros, Pedro Soares e João Tavares²³, tiveram conversações, entre outros, com B. Chilhégovitch — um dirigente sempre presente nas reuniões com outras anteriores delegações, tanto do PCP, como da FPLN — e visitou diversas empresas belgradenses e, no Danúbio, a grande barragem do Djerdap, inaugurada três anos antes.

I. 1a – Os documentos e os arquivos

Fazendo um intervalo arquivístico, as muitas centenas de páginas de documentos relativas a este período das relações jugoslavo-portugueses encontram-se no Arquivo da Jugoslávia (AJ), principalmente, nos fundos da ASPTJ e da LCJ, havendo ainda um número muito reduzido no da União dos Estudantes da Jugoslávia²⁴ (UEJ). Como em meados de 2009, recebeu todo o importante aceno do extinto Arquivo Iosip Broz Tito (AIBT), passou a reunir toda a documentação diz respeito às conversações do presidente

²¹ Segundo o telex, enviado pelo MNE, para a embaixada em Moscovo (6/Set./73), «*Soares deu entrevista ao 'Komunist' e prometeu artigo para 'Medjunarodna Politika' (Política Internacional)*» (ADMNE, Portugal, F-180, 1973).

²² *Avante*, n.º 459, Novembro 1973.

²³ Noutro telex, da mesma embaixada para Belgrado (27/Jul./73), há uma «*observação: como a composição da delegação é tal que os próprios portugueses não contam com o eventual encontro com o camarada Tito[...]*», que diz respeito à ausência (imprevista) de Álvaro Cunhal nessa delegação.

²⁴ Esta organização deu 5 bolsas de estudo (1965-69) a estudantes portugueses. Segundo dados de 1970, tinham estudado, desde 1962, em escolas médias e universidades jugoslavas, 70 estudantes angolanos, guineenses e moçambicanos. Até 1974, foram concedidas mais algumas dezenas de bolsas a estudantes do PAIGC, MPLA e FRELIMO.

jugoslavo com dirigentes dos movimentos de libertação das colónias portuguesas, pois, neste período, não recebeu nenhum dirigente da oposição ao Estado Novo. Também, no Arquivo Diplomático do MNE (ADMNE), a correspondência anual de diversas embaixadas jugoslavas sobre Portugal, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau contam com um número de páginas muito variável, podendo ir de meia-dezena a mais de três centenas em alguns anos²⁵. Assim, num total, pode-se contar com algumas centenas de páginas, distribuídas pelas citadas organizações políticas portuguesas, e mais de duas mil para os mencionados movimentos, sendo metade delas acerca de Angola. São números aproximados, pois não houve uma numeração de páginas dos documentos em alguns fundos (AJ).

Todavia, num arquivo, como o Arquivo Militar, foi-nos dito que em relação ao «*papel da Jugoslávia no processo de descolonização e ajuda aos movimentos de libertação das colónias portuguesas nos anos 1960 e 1970, [...] não dispõe da solicitada documentação*». Segundo outra fonte, estes fundos encontravam-se numa dependência deste arquivo que ardeu, em 1999, com os bombardeamentos da OTAN. Porém, soubemos que o prazo de consulta para alguns fundos deste arquivo é de 50 anos. Apesar desta perda ou não, muitos dados relativos a essa ajuda encontram-se nos outros citados arquivos, sendo uma parte deles formada por cópias dessa documentação, que foi enviada nesses anos para outras instituições estatais ou partidárias. Quanto ao Arquivo do Ministério do Interior, espera-se para breve a abertura dos seus fundos aos historiadores. Também, na TANJUG (agência noticiosa jugoslava), uma grande parte do seu arquivo perdeu-se devido à inundação da cave onde se encontrava.

I. 2 – Os movimentos de libertação das colónias portuguesas

²⁵ Quanto aos assuntos tratados, há algumas ausências, como informações ou notícias mais pormenorizadas sobre a situação político-social portuguesa dos anos sessenta. Contudo, em alguns telegramas das embaixadas jugoslavas, há referências a relatórios ou documentos que seriam enviados para Belgrado que não foram encontrados.

Sempre considerados «*aliados naturais*» da sua luta pelas mencionadas organizações antifascistas portuguesas²⁶, os movimentos de libertação das colónias (MPLA, PAIGC e FRELIMO) contaram sempre, antes e depois do 25 de Abril, com o apoio jugoslavo²⁷. Quanto à UPA-FNLA, o último documento relativo a contactos (e ajuda) é de 1964. Contudo, nessa altura, a posição da ASPTJ era ainda pela continuação de manter as relações e a cooperação com ambos os movimentos angolanos. Recorde-se, que após a visita a Belgrado de Johnny Eduardo Pinnock (Jan./63), estiveram previstas outras para meados desse ano (Holden Roberto) e início do seguinte (Jonas Savimbi e Florentino Duarte). Porém, se a primeira não se realizou, já no caso da segunda, a ausência de outros documentos aponta para que não se tenha realizado. Depois, «*em fins de 1968, evitou-se uma iniciativa de Holden para visitar a Jugoslávia*». Quanto à UNITA, as primeiras reuniões só foram efectuadas, em Luanda (Fev./75), já no processo de independência.

Entre os muitos documentos relativos à política colonial do governo português e seus apoios, pode-se citar um telex da embaixada jugoslava na Etiópia (Set./70), que relata uma conversa com um diplomata francês sobre a visita de Maurice Schumann a Portugal. O ministro francês dos Negócios Estrangeiros teria dito a «*Caetano que seria melhor para Portugal seguir o exemplo da França e abandonar a política colonialista e que nisso a F. (N. do T. França) o ajudaria através da sua influência em África. Com a aceitação da solução política ainda algo se poderia salvar, mas com a continuação da guerra Portugal perderá tudo*». Embora tenha

²⁶ No seu comentário à conferência de imprensa de Mário de Andrade, em Rabat (Dez./61), um diplomata jugoslavo escreveu: «*A oposição em Portugal dá-lhes apoio moral e solidariza-se com a luta deles. Todavia, da resposta de Andrade pode-se concluir que tal apoio é mínimo e mais de carácter moral*». Noutros documentos posteriores, há outras referências e informações sobre este apoio.

²⁷ Segundo um relatório da visita da primeira delegação ministerial jugoslava a Portugal (Jun./74), saudando-a num almoço oferecido em nome da direcção do Partido Socialista, Jorge Campinos disse: «*Obrigado a vós pela ajuda que deram aos movimentos de libertação, porque a sua luta ajudou objectivamente as mudanças democráticas em Portugal*» (AJ,507,IX,103/IV).

considerado que as mudanças eram necessárias, Marcelo Caetano acrescentou «*que nada podia fazer. Acerca disso, o exército impedia-o e, em Moçambique, a situação ainda era mais difícil*» por causa dos imigrantes brancos que, com o apoio da África do Sul, «*dariam um golpe e formariam um Estado separatista tipo Rodésia*».

I. 2a – O MPLA

O apoio jugoslavo abrangia, segundo orçamentos anuais, desde armamento, instrução militar²⁸ e tratamento de feridos a ajudas monetárias, bolsas de estudo, alimentos e medicamentos. Além de ter sido o movimento mais apoiado, o MPLA pôde contar sempre com essa ajuda reforçada nos momentos mais difíceis. Quando se encontrou isolado no plano internacional, entre 1965 e 1968, essa ajuda teve um papel decisivo na superação das dificuldades.

A partir de 1970, passou a contar com um «*Centro Informativo*»²⁹ na capital jugoslava, que contribuiu para um aprofundamento dessas ligações. Um apoio, segundo um documento (Out./77) do Secretariado Federal de Defesa Popular³⁰, que ascendeu até à independência angolana, em «*ajudas gratuitas*», a um total de 12,9 milhões de dólares. É um dado que surpreende pelo seu valor e pela ausência da sua simples menção em qualquer relatório ou memorando sobre este assunto por parte da ASPTJ ou LCJ. Embora, os carregamentos de armas tivessem aumentado bastante em 1974 e 1975, há o facto das previsões

²⁸ Na ausência de estatísticas do Secretariado Federal da Defesa Popular (SFDP), existem as referências a pedidos e estadas (individuais ou de pequenos grupos) para esse efeito por parte do MPLA. Embora em número reduzido, esses dados aparecem mais após a abertura do seu Centro Informativo em Belgrado.

²⁹ Este Centro (1970-75) foi dirigido por José Condesse.

³⁰ Esta «*Informação acerca das Relações Militares e Económico-Militares da RSFJ-RP Angola*» (4 p.) foi enviada para a ASPTJ por causa de uma visita de Iko Carreira, ministro da Defesa, à Jugoslávia. Este documento, classificado como «*Segredo Militar Confidencial*», considerou esta quantia como o valor total da ajuda militar ao MPLA, pelo que, parece, não incluiu nem os outros tipos de ajuda por parte de organizações como, por exemplo, a ASPTJ, União dos Sindicatos Jugoslavos e outras.

orçamentais da ASPTJ (1974) apontar para uma ajuda, uma das maiores desde 1961, no valor de uns 155 000 dólares. Assim, as dúvidas mantêm-se justificadas pela inexistência de outros documentos para uma confirmação desta quantia, quando também os orçamentos da ASPTJ incluíam essas ajudas militares, mas com montantes muito mais pequenos.

Após um primeiro período (1961-65), em que os «*contactos directos*» — segundo a terminologia diplomática jugoslava, estes referiam-se só às conversações efectuadas em visitas à Jugoslávia — foram quase anuais³¹, as relações bilaterais aumentaram e culminaram com as visitas de Agostinho Neto (Fev./68 e Jun./69). A última fazia parte de uma visita conjunta dos três movimentos, mas que não pôde contar com a presença de Amílcar Cabral. A FRELIMO foi representada por Uria Simango.

O reforço dessas ligações traduziu-se, em 1970, para além da abertura do citado Centro Informativo, em duas curtas visitas de Agostinho Neto e uma «*longa estada de estudo*» de Iko Carreira. No ano seguinte, os dois dirigentes do MPLA voltaram a ter conversações com a ASPTJ e o SFDP. Continuando a citar uma nota posterior³², entre outros factos, são mencionados: a estada de quatro meses de uma «*delegação de estudos de 6 chefes militares do MPLA com o comandante da primeira região militar, Jacob Caetano, à sua frente*»; «*a solidariedade jugoslava com a luta do povo angolano contra o colonialismo português foi confirmada com a visita da delegação da ASPTJ, em Agosto de 1972, às regiões libertadas na parte*

³¹ Excepto em 1962. As seguintes visitas de João Gonçalves Benedito e Luís Azevedo estão bem documentadas. Este último dirigente descreveu, na sua segunda visita (Fev./65), as dificuldades financeiras do MPLA que dispunha de 45 000 dólares anuais e precisava de «*100 000 dólares para um eficaz desenvolvimento da luta*», dizendo respeito a primeira quantia à ajuda do Comité de Libertação da OUA, que «*devido à ineficácia*» só tinham recebido 13 000 até essa data. Como exemplo, em Cabinda, os seus 650 combatentes «*[gastavam] 12 000 dólares mensais*». Além destes dados, esta nota da ASPTJ (6 p.) apresenta muitos outros sobre a situação e relações do MPLA com os dois Congos e Zâmbia, assim como dos apoios da URSS e Argélia. (AJ,142-563)

³² As dez páginas desta «*Informação por ocasião da vinda da delegação do MPLA ao X Congresso da LCJ*», de Maio de 1974, dão uma síntese sobre a situação angolana e internacional, como das relações bilaterais ASPTJ-MPLA (AJ, 507, IX, 3/I-27).

*leste de Angola».*³³

Porém, em 1973, o MPLA teve de se enfrentar com «*uma grave crise interna e mudanças de posições de alguns países independentes africanos, e até também com as suas pressões*». Esta situação foi discutida nas reuniões que decorreram em Belgrado e Brioni (com Tito), assim como a ajuda militar e os apoios políticos através de acções diplomáticas junto dos governos desses países, principalmente, o da Zâmbia. Igualmente, Agostinho Neto falou da sua recente estada em Conacri, onde tinha assistido às cerimónias do funeral de Amílcar Cabral e participado na comissão internacional de inquérito que investigou o assassinato do dirigente do PAIGC. Em fins desse ano, por motivos mais militares, houve uma visita a Belgrado de Iko Carreira³⁴.

No ano seguinte, em Fevereiro, uma delegação da MPLA, chefiada por Agostinho Neto, esteve novamente em Belgrado e informou os seus anfitriões do desenvolvimento mais recente da situação do movimento e das relações com a Zâmbia e o Zaire. Mais uma vez, foi prometido apoio ao MPLA. As mudanças de Abril, em Portugal, obrigaram depois a reforçar essa promessa.

³³ Um relatório (36 p.) descreve a viagem (Ago./Set.72) desta delegação jugoslava formada por dois dirigentes da ASPTJ, outros dois da UJJ e da USJ, um coronel do exército, um jornalista e um operador de câmara da RTV Belgrado. Os seus 7 membros percorreram 150 km no leste angolano, onde estiveram 15 dias, acompanhados de Fernando Costa Andrade e Afonso Van Dunem, dirigentes do MPLA, e um «*esquadrão militar armado de 80 soldados*». Tiveram conversações com Agostinho Neto, Daniel Chipenda e Iko Carreira. Na Zâmbia e na Tanzânia, encontraram-se com ministros desses países e dirigentes da FRELIMO (Marcelino dos Santos, Joaquim Chissano, Jorge Belo e Armando Panguene) e de outros movimentos (SWAPO, ANC e outros). Também, há uma análise da situação político-militar do MPLA e da política colonial portuguesa. Quanto à reportagem da equipa televisiva, não se encontra no arquivo da RTS.

³⁴ Destas visitas surgiram fortes laços de amizade com o general Níkola Lhubitch (1916-2005), secretário federal da Defesa Popular (1967-82), que foi padrinho da sua filha.

I.2b – O PAIGC

Os primeiros encontros entre o PAIGC e a ASPTJ efectuaram-se através das embaixadas jugoslavas na Guiné e Marrocos. Seguiram-se os «*contactos directos*» com Amílcar Cabral, durante a citada I Conferência dos Países Não-Alinhados (Set. /61). Depois, em 1964, por ocasião do V Congresso da USJ, houve conversações com Luís Cabral. No ano seguinte, uma delegação do PAIGC, chefiada por Amílcar Cabral, teve uma «*exaustiva troca de ideias acerca de muitas questões da actual situação internacional e a situação no campo da descolonização. Foram constatadas semelhanças e igualdade de pontos de vista em relação a todas as questões mais importantes. Cabral exprimiu desejos pelo alargamento da cooperação, considerando positivamente o nosso apoio e ajuda.*» Também se referiu à cooperação com a oposição portuguesa, dizendo «*caso ela consolide as suas posições, a cooperação com eles reforçar-se-á. A Frente Patriótica de Portugal apoia-os, mantém contactos, redigiram comunicados conjuntos. E depois, o PC de Portugal ajuda-os concretamente. Cunhal é bem capaz de superar as dificuldades na Frente e no Partido*». Em 1966, Aristides Pereira presenciou o VI Congresso da ASPTJ e reuniu-se com os principais dirigentes políticos jugoslavos. Seguiu-se a visita de uma delegação, chefiada por Amílcar Cabral (Abr./1968). Uma outra (Dez./72) foi adiada.

Porém, as ajudas ao PAIGC e aos outros dois movimentos foram consideradas muito modestas — citando uma posterior «*Informação*³⁵» (Out.67) — por falta de meios financeiros que registaram, «*nos últimos 3 anos, uma diminuição constante*³⁶». Assim, nesse ano, a importância total dessas ajudas financeiras «*não ultrapassou um total de 20 000 dólares*». Todavia, noutros documentos relativos

³⁵ Esta «*Informação acerca dos movimentos de libertação das colónias e suas relações com a ASPTJ*» considerava que «*segundo a opinião geral, os movimentos das colónias portuguesas [PAIGC, MPLA e FRELIMO]*» eram, nesse momento, os movimentos mais fortes e melhor organizados de África.

³⁶ Consequências da suspensão, em meados dessa década, das doações financeiras — cerca de 30 mil milhões de dólares (de 1985) — pelos EUA (e outros países ocidentais) a partir do conflito Jugoslávia-URSS (1948) e das consequências sociais da reforma económica (desemprego, emigração, etc.).

ao PAIGC, em 1965, as chamadas «*ajudas materiais*» (vestuário, medicamentos, alimentos) montaram a 85 000 dinares (6 800 dólares). No ano seguinte, um barco descarregou, no porto de Dacar, mais 12 toneladas desses produtos (e sal), embora esse documento não dê qualquer indicação do seu valor.

É de salientar, em 1968, o início do funcionamento do hospital «Solidariedade» (80 camas, sala de operações, uma equipa médica e despesas de manutenção) para o PAIGC, em Boké (cidade guineense a 80 km da fronteira com a Guiné Bissau), que foi construído, equipado e mantido pela União dos Sindicatos da Jugoslávia. Uma centena de páginas (relatórios, estatísticas de doentes e doenças, etc.) dá dados suficientes sobre o seu funcionamento, problemas de manutenção e sua importância nesses seis anos de guerra.

Após uma «*certa estagnação*» nas ajudas, em 1970, foi enviada uma «*remessa de uniformes*» no valor de cerca de 17 000 dólares. Nesse ano, Amílcar Cabral adiou, mais uma vez, a sua visita à Jugoslávia, marcada para a primeira metade de Novembro. Uma atitude que se podia explicar, segundo um relatório da ASPTJ sobre as ligações mútuas, pela «*intenção do PAIGC de não querer ter problemas com a URSS, Cuba e talvez a Argélia, dos quais depende, em grande medida, do fornecimento de armas*». Por causa dessa «*atitude reservada, não se concretizou a criação de um centro informativo conjunto dos movimentos das colónias portuguesas em Belgrado*», acabando esse centro por pertencer ao MPLA, o único movimento interessado. Contudo, «*foi-lhes dito abertamente que nós compreendíamos as suas dificuldades com terceiros países, mas dependia em primeiro lugar do PAIGC quais seriam as suas relações connosco, porque nunca fomos condições à nossa ajuda*.»

Um dos objectivos do ataque do exército português a Conacri (22/Nov./70) foi a casa de Amílcar Cabral, que se encontrava então em Sofia. Entre os seus vizinhos, um médico jugoslavo foi ferido e morta uma das filhas (dez anos de idade). Estes e muitos outros factos acerca da operação «Mar Verde» encontram-se em muitas dezenas de documentos enviados para Belgrado pela embaixada jugoslava em Conacri.

A morte de Amílcar Cabral (20/Jan./73) ocorreu, segundo um dirigente da ASPTJ (e ex-embaixador na Guiné) que o tinha encontrado um mês antes

em Dacar, «*precisamente no momento em que terminava o processo da proclamação da independência da Guiné-Bissau*» e tencionava comunicá-la oficialmente ao mundo, mas foi «*disso impedido pelo assassinato que foi efectuado três dias antes.*» Dias depois, o mesmo dirigente presenciou as cerimónias fúnebres, em Conacri (2/Fev.), e descreveu no seu relatório o que viu e ouviu. Ainda nesse mês de Fevereiro, em Belgrado, Agostinho Neto relatou aos seus anfitriões jugoslavos as conclusões da comissão de inquérito, a que pertenceu, sobre a morte do líder do PAIGC. Segundo ele, «*a Comissão ouviu cerca de 500 membros do PAIGC que se encontravam em Conacri. Deste número, só 20 se exprimiram abertamente por Cabral; 325 declararam-se contra a antiga direcção e Cabral.*» Uma informação mais pormenorizada encontra-se na correspondência da embaixada jugoslava na Guiné (ADMNE).

Outros acontecimentos e a independência, proclamada em Setembro desse ano, não aparecem nos fundos da ASPTJ (AJ), mas há uma meia centena de telexes no ADMNE.

I.2c – A FRELIMO

Após os citados primeiros encontros, em 1961, com Marcelino dos Santos, a ASPTJ convidou, em 1963, uma delegação da FRELIMO a visitar a Jugoslávia. Contudo, esta visita só depois se efectuou (Abr. /65). Nas conversações, além das questões internacionais e da situação político-militar nas colónias portuguesas, a delegação (Eduardo Mondlane, Marcelino dos Santos e Silvério Nungu) apresentou e foram aceites alguns dos seus pedidos de ajuda, como: militar (armas e formação de quadros militares); financeira; material (alimentos, vestuário e medicamentos); meios técnicos para a propaganda; formação profissional e universitária de quadros.

Depois, para terminar, exprimiram: «*o desejo (de Mondlane) de que a LCJ fosse intermediária para o estabelecimento de contactos com o PC de Portugal, que considera que é um partido sectário e se comporta como patrono em relação aos movimentos de*

libertação. Quer esclarecimentos e cooperação com eles. Todavia, Dos Santos disse, em separado, que supostamente Mondlane conhece mal a situação do PC de Portugal e que esses contactos são úteis de um ponto de vista político, mas de prático de pouca utilidade».

Esta primeira visita de uma delegação da FRELIMO está bem documentada, sendo de realçar as notas estenográficas (27 páginas) de uma das reuniões, em que Mondlane e Marcelino dos Santos expuseram a situação político-militar nas colónias portuguesas ao dirigente da ASPTJ, Lazar Moïsov³⁷.

Além das ligações com a embaixada jugoslava em Dar es Salam, as visitas tornaram-se mais frequentes. Assim: Marcelino dos Santos esteve presente no VI Congresso da ASPTJ (Jun./66); um «grupo de estudo», chefiado por Uria Simango, esteve mês e meio na Jugoslávia (Jan./Fev.67); e Eduardo Mondlane (acompanhado de Óscar Monteiro) esteve em Belgrado um ano depois (Jan./Fev.68). Nas oito páginas da «*Informação*» sobre esta visita, pode-se ler que, em 1967, a FRELIMO recebeu «*de cinco países socialistas [...] cerca de 50 000 toneladas³⁸ de equipamento, armas e munições e do Comité de Libertação da OUA cerca de 150 000 dólares*». Mondlane disse ainda que o orçamento para 1968 teria «*de montar a quase 500 000 dólares*» para poder responder «às tarefas colocadas pela luta». Entre os muitos dados deste relatório, há uma referência à sua presença³⁹ na estreia do documentário *Venceremos*⁴⁰ de Dragutin Popovitch, que o filmou,

³⁷ Lazar Moïsov (Negotin, 1920-Belgrado, 2011), político e diplomata. Licenciatura e doutoramento em Direito (Universidade de Belgrado). Combatente da II Guerra Mundial. Ministro da Justiça da República Popular da Macedónia (1948-51). Embaixador na URSS (1958-61) e Áustria (1967-69). Representante da RSFJ na ONU (1969-74), secretário-adjunto federal dos NE (1974) e presidente da XXXII Sessão da Assembleia-Geral da ONU (1977). Membro do CC LCJ e presidente da LCJ (1980-81). Secretário Federal dos NE (1982-84). Membro da Presidência da RSFJ (1984-89) e seu presidente (1987-88).

³⁸ Possivelmente, erro do tradutor nessa reunião ou do próprio Mondlane? Talvez, toneladas ou zeros a mais.

³⁹ O «*Jornal 5*» da *Filmske Novosti* (1969) tem imagens desta visita (1m e 6s, p/b). Também, este documentário foi projectado (Mar./68) na residência do Presidente Tito com a presença do realizador, «*que o informou de tudo o que sabia*» sobre Moçambique e a FRELIMO.

⁴⁰ Este documentário da *Filmske Novosti* tem a duração de 20m e 46s (16mm, cor).

em meados de 1967, no «*território libertado de Moçambique e [...] foi o primeiro estrangeiro que ali esteve*» e que, então, se encontrou com Samora Machel e Joaquim Chissano.

Depois dos acontecimentos de meados desse ano de 1968, em que «*alguns alunos do Instituto de Moçambique em Dar es Salam tendo à frente um abade, aliás professor no Instituto, e um grupo de refugiados que não eram membros da FRELIMO*» atacaram a sua sede, iniciou-se um processo de diferenciação que, segundo Óscar Monteiro⁴¹, «*conduzirá à queda de todos aqueles que por diversas razões não puderam aceitar e integrar-se na evolução do movimento*».

O atentado e a morte de Eduardo Mondlane (Fev./69), as visitas de Marcelino dos Santos — por ocasião do IX Congresso da LCJ, em Março — e de Uria Simango, em Junho, mereceram as atenções dos funcionários da ASPTJ e dos diplomatas das embaixadas jugoslavas (Dar es Salam e Lusaca). Igualmente, em fins desse ano, o afastamento de Simango foi depois explicado pelo próprio a um diplomata jugoslavo, após a sua chegada ao Egípto (Abr./70), após ter sido preso e expulso da Tanzânia.

Num «*memorandum*» de seis páginas (19/Dez./70) — enviado para a ASPTJ por ocasião da sua primeira visita à Jugoslávia⁴² —, Samora Machel descreveu

Além da versão em sérvio-croata, existem outras em português, francês e inglês. O seu realizador esteve duas semanas em Moçambique e escreveu um relatório sobre essa sua viagem. Este documento tem 28 páginas (dactilografado a 40 linhas/p.), mas não está completo.

⁴¹ Esta apreciação foi anotada pelo seu interlocutor, Dimitríe Babitch, durante a Conferência contra o Racismo e o Neocolonialismo no Sul de África, em Berlim (RDA). Segundo este funcionário da ASPTJ, outra opinião tinha o representante do PAIGC, Vítor Maria, que era «*muito céptico e desconfiado em relação ao Dr. Mondlane. Exprimia suspeitas que está ligado, através da sua mulher, com os americanos e que representa um perigo para o movimento e seu futuro. Maria é da opinião que a FRELIMO virou ² à direita² em relação ao anterior período. O predomínio no movimento têm Mondlane e o vice-presidente Simango, embora também existisse entre os dois um sério conflito por razões raciais. Supostamente, Simango é contra os brancos e mestiços no movimento. Maria considera que Dos Santos foi rebaixado e que a sua nomeação para secretário das questões ideológico-políticas foi na realidade um impedimento para uma mais activa actuação e influência na política do movimento.*»

⁴² Esta visita realizou-se entre 20/Dez./70 e 16/Jan./71 e repartiu-se por «*um*

a «*situação política e militar em Moçambique*», antes e depois da operação «*Nó Górdio*», como os objectivos e os resultados desfavoráveis dessa «*contra-ofensiva inimiga*» (Abr./Mai.70) dos «*colonialistas portugueses*» e suas baixas em homens e material de guerra. Após uma referência à «*escalada*», que só foi possível com o grande apoio de armas e investimentos (Cahora Bassa) dos seus aliados da OTAN, termina com a «*solidariedade internacional*» e a sua importância junto da opinião pública mundial com vista a um maior isolamento de Portugal e do apoio político, diplomático e material à luta da FRELIMO. Neste campo, acrescentou, «*também tiveram sucessos. A retirada da Suécia e Itália de Cahora Bassa, a Conferência Internacional de Solidariedade com os Povos das Colónias Portuguesas que se realizou em Roma com a presença de 64 países, a audiência dos dirigentes do MPLA, FRELIMO e PAIGC pelo Papa — foram só alguns sinais dessa crescente solidariedade.*»

Este memorando tem, como outros documentos sobre a ajuda jugoslava aos três movimentos de libertação das colónias portuguesas, dados suficientes para uma quantificação e valor dessa ajuda, mas a ausência da confirmação das entregas por ambas as partes obriga a certas cautelas. Neste caso, por exemplo, numa conversa posterior de Samora Machel com o «*seu velho amigo pessoal*» Dragutin Popovitch — segundo um documento (23/Mai./75) enviado para a Presidência da República pelo SFNE⁴³—, este terá dito: «*- Que em 1970 durante a visita a Belgrado assinou um acordo com Djerđja,⁴⁴ Belovski, e representantes do Estado-Maior do EPJ acerca da ajuda militar e outra para a FRELIMO que nunca foi realizado. Ele por causa disso ficou entvergonhado perante a sua gente. E o que foi ainda*

período de repouso e exames médicos» e outro de conversações nos últimos seis dias. O presidente da FRELIMO estava acompanhado de Armando Panguene.

⁴³ Esta informação da embaixada em Dar es Salam foi lida, um mês mais tarde, pelo próprio Tito. Faz referência também às relações no pós-25 de Abril. O citado encontro realizou-se na capital tanzânica (AIBT, KPR I-5-C Moçambique).

⁴⁴ Iosip Djerđja (Zadar,1911-Belgrado,1990) – Político croata e diplomata. Membro do PCJ desde 1934, preso de 1935-38. Combatente na II Guerra Mundial desde 1941. Após 1945, embaixador na Albânia, Bulgária, Egipto, Líbia, Índia e Birmânia. Ministro-adjunto dos NE (1959-63), deputado (1963-72) e vice-presidente da Assembleia Federal da RSFJ (1970-72). Demitiu-se (1972) por desacordo com a posição de Tito em relação à direcção da LC da Croácia durante a agitação nacionalista do ano anterior.

pior, a FRELIMO ficou de mãos vazias na ofensiva conduzida por Portugal contra ela; - Os burocratas impediram então o seu encontro com o Presidente Tito; - No período 1971-74, a ajuda militar da Jugoslávia à FRELIMO foi só simbólica».

Este período corresponde às agitações nacionalistas — a mais importante ocorreu na Croácia (1970-71) —, à crise económica (interna e internacional) e à nova Constituição (1974) que consagrou uma maior autonomia político-económica das repúblicas e uma evidente diminuição dos poderes do governo federal⁴⁵. Estes factos podem explicar o incumprimento deste acordo. Porém, só em parte, pois a ajuda ao MPLA não teve uma tal ruptura. Igualmente, não se encontrou em nenhum documento uma explicação porque não se tentou falar dessas dificuldades com a FRELIMO, por exemplo, através a embaixada jugoslava na Tanzânia

I.3 – Os documentos e os arquivos

O prestígio político jugoslavo a nível mundial e a sua importância no Movimento dos Países Não-Alinhados, personificado por Iosip Broz Tito, obrigavam a uma intensa actividade diplomática, à qual se juntava o apoio aos movimentos de libertação. Entre eles, os três movimentos das colónias portuguesas ocuparam um lugar cimeiro na sua política anticolonialista em África, iniciada com uma importante ajuda à FLN durante a guerra de inde-

⁴⁵No memorando da ASPTJ para a visita da delegação do MPLA (Fev./73) afirma-se que «após a redução das verbas orçamentais destinadas a bolsas de estudo para estudantes estrangeiros, por razões para nós inexplicáveis foram anuladas as bolsas para os candidatos dos ML [NT: Movimentos de Libertação]. Todas as propostas, pedidos e protestos da ASPTJ nos últimos dois anos ainda não ajudaram a corrigir a situação. Tendo em consideração que nos deparamos também com os mesmos problemas na realização da cooperação com todos os ML (N. do T.: Movimento de Libertação) — consideramos a continuação no futuro desta situação pode ter consequências negativas.» Assim, em relação ao MPLA, «parceiro prioritário da ASPTJ em África», o total das ajudas passou de uma média de 260 000 dólares (1969 e 1970) para 68 000 (1971) e 44 700 (1972). Contudo, noutros documentos, estas quantias apresentam outros montantes.

pendência argelina. Essa política tinha à sua disposição, em meados dos anos sessenta, uma rede de 18 embaixadas distribuídas pelos países do norte ao sul do continente africano. Algumas delas — principalmente, as de Argel, Conacri, Brazaville, Kinshasa, Lusaca e Dar es Salam — tiveram um papel significativo nesse apoio ao PAIGC, MPLA e FRELIMO. Além das representações diplomáticas, nestas relações a ASPTJ foi a organização política mais activa, embora nos anos setenta, a LCJ começou a estar presente nas conversações com dirigentes desses movimentos, por exemplo com Agostinho Neto.

Quanto às organizações antifascistas portuguesas que tiveram ligações com a LCJ (PCP) e a ASPTJ (FPLN e ASP/PSP), nenhuma delas as manteve sem interrupções durante largos períodos de tempo.

A cisão de 1948 no movimento comunista (PCJ-Cominform) provocou não só um longo corte de relações entre o PCP e o PCJ/LCJ, mas também, quando restabelecidas em 1964, nunca mais foram calorosas, nem frequentes. Assim parece pelos traços documentais encontrados e as três visitas a Belgrado (1964, 65 e 73) numa dezena de anos. No caso da FPLN, as suas divisões e a falta «*de possibilidades de maior influência nas bases*» em Portugal, como escreveu um funcionário da ASPTJ (1969), marcaram a fase descendente dessas ligações até ao seu desaparecimento (1973). A pouca documentação relativa à ASP/PSP traduz os seus poucos contactos com a ASPTJ no período delimitado pelas duas visitas de uma delegação a Belgrado, ou seja, de 1969 a Maio de 1974.

Sob um aspecto mais arquivístico, o número (aproximado) das páginas (correspondência, relatórios e publicações) nos dois arquivos eleva-se a (várias) centenas — quando se trata do PCP, FPLN e ASP/PSP — e (alguns) milhares no caso dos movimentos de libertação (MPLA, PAIGC e FRELIMO). Ao mesmo tempo, são uma valiosa achega — embora, quase desconhecida — para a história destes países e, sem dúvida alguma, são importantes fontes históricas que, nestes arquivos, esperam os seus historiadores.

II — De 1974 a 1978.

Após o *25 de Abril*, o primeiro enviado jugoslavo a Portugal, nomeado de acordo com as conclusões da «Comissão do Conselho Executivo Federal, dos Negócios Estrangeiros e Segurança do país», foi Jarko Bojitch, redactor-chefe da RTV Zagreb. Num documento (Mai./74), dizia-se: «*Perante as autoridades portuguesas, ele apresentar-se-á como jornalista, e nos contactos com os representantes do Partido Comunista e o Partido Socialista de Portugal aparecerá com um mandato da LCJ e da ASPTJ. Deverá chegar a Lisboa no dia 13 ou 14 de Maio*». Porém, o primeiro jornalista foi Deian Lukitch — correspondente de vários jornais belgradenses em Paris — que chegou ao aeroporto de Lisboa, em 4 de Maio⁴⁶, e ficou até 18 desse mês em Portugal. Em finais desse mês, por ocasião do X Congresso da LCJ, em Belgrado, estiveram delegações do PCP e PSP, assim como do PAIGC, MPLA e FRELIMO, e tiveram conversações com dirigentes políticos jugoslavos sobre as recentes mudanças políticas em Portugal e a descolonização.

Alguns dias depois, em Junho, uma delegação do Secretariado Federal do Negócios Estrangeiros (SFNE) chegou a Lisboa e, num dos dez relatórios desta viagem, pode-se ler: «*[...] O camarada R. Dizdarevitch⁴⁷ teve conversações, logo no primeiro dia, com o Presidente da República, general A. Spínola, e o presidente do governo A. Carlos. Teve exaustivas conversações no Ministério dos Negócios Estrangeiros, [...]. Conversou com os ministros A. Santos (ministro para a Coordenação Interterritorial), F. Moura (sem pasta — eminente economista, católico de esquerda) e representantes dos partidos que participam no Governo (PS, PCP e Partido Popular*

⁴⁶ No seu artigo, publicado nesse dia no «*Večernje Novosti*» (Notícias da Tarde). A sua entrevista com Mário Soares, dias mais tarde, foi publicada em diversos jornais jugoslavos.

⁴⁷ Raif Dizdarevitch (Foinitsa, 1926-), político da RSFJ e da RP da Bósnia e Hertsegovina. Combatente da II Guerra Mundial (1943-45) e membro do PCJ (1945). Trabalhou nos serviços de segurança do Estado (1945-51) e diplomáticos — embaixadas na Bulgária (1951-54), URSS (1956-59) e Checoslováquia (1963-67) e secretário-adjunto federal dos NE (1972-74). Presidente da Presidência da RP BH (1974-78) e presidente da Assembleia da RSFJ (1982-84). Secretário Federal dos NE (1984-87) e membro do CC da LCJ (1984-89).

Democrático). No fim da estadia, teve uma conversa com o ministro M. Soares, imediatamente após o seu regresso de Lusaca, onde teve negociações com a FRELIMO». Igualmente, um dos seus membros, Ivan Kofítch⁴⁸, ficou em Lisboa e, como encarregado de negócios da nova embaixada, restabeleceu as relações diplomáticas suspensas em 1948. Em Maio, tinha estado em Londres, onde se encontrou com Mário Soares.

Estas dezenas de páginas de relatórios iniciam um período bem documentado e, por exemplo, no ADMNE, os telexes de Lisboa e de outras embaixadas jugoslavas sobre a situação política em Portugal e suas colónias passaram a ser quase diários. Isto foi possível porque, devido à sua política externa — Tito foi, recorde-se, um dos fundadores do Movimento dos Países Não-Alinhados —, a Jugoslávia tinha um número elevado de missões diplomáticas (e consulares)⁴⁹ a quem se juntavam algumas dezenas de correspondentes da TANJUG⁵⁰ — então, uma das agências noticiosas mundiais mais importantes — e de outros meios da comunicação social (imprensa, rádio e televisão). Assim, a descolonização portuguesa era seguida pelas suas embaixadas em vinte países africanos, nas cinco «grandes potências» e noutros países europeus, asiáticos e americanos mais ligados a esta questão internacional. Naturalmente, uma das fontes mais bem informadas sobre este período (1974-75) foi a embaixada na capital portuguesa, cujos telexes são disso uma boa prova. Neles, aparecem acontecimentos — do *Setembro de 74* ao *25 de Novembro*, passando pelo *11 de Março* e o *Verão de 75* —, disputas entre o PSP e o PCP e reuniões com dezenas de políticos portugueses e diplomatas estrangeiros, segundo os relatos pormenorizados do embaixador Milan Stoiakovitch e do conselheiro Verolhub

⁴⁸ Falava português (esteve na embaixada no Brasil) e passou alguns meses em Portugal. Como curiosidade, em 1941, o primeiro diplomata chamava-se também Kofítch e, além da coincidência de apelidos, escolheu também o mesmo hotel na Avenida da Liberdade.

⁴⁹ Em 1973, a RSFJ mantinha relações diplomáticas com 117 países e tinha, em setenta deles, a sua representação diplomática.

⁵⁰ O seu primeiro correspondente, Aleksandar Antonitch, só chegou a Lisboa alguns meses após o *25 de Abril*.

Spasitch. Há, ainda, os relatórios de visitas a Portugal⁵¹ e das conversações com delegações portuguesas na Jugoslávia⁵². Entre estas últimas, pelas suas conclusões e previsões, pode-se citar ainda a visita (Mai. /76) de Melo Antunes⁵³.

As mudanças políticas ocorridas, após Novembro de 1975, ocuparam as atenções dos diplomatas e políticos jugoslavos e, como mostra a documentação de 1976-78, conseguiram recolher um importante número de dados e informações sobre a vida política e económica durante os primeiros «*governos constitucionais*» portugueses. Por vezes, aparece, também, um ou outro comentário acerca de dirigentes políticos ou acontecimentos de anos anteriores.

II.1 - Os documentos e os arquivos

No ADMNE, o total de páginas de documentos é o seguinte: mais de 4900 referem-se à situação política em Portugal (1974-76); outras 2400 sobre a descolonização (1974-75), das quais, duas mil são relativas a Angola.

Igualmente, no AJ, as ligações com os movimentos (PAIGC, MPLA e FRELIMO) e partidos políticos (PCP e PSP) têm nos fundos da ASPTJ e da

⁵¹ Entre muitos, um exemplo: as vinte páginas de notas estenográficas das conversações de Miloche Minitch, secretário do SFNE, em Lisboa (Out./75), com Melo Antunes, Mário Soares, Álvaro Cunhal e Sá Carneiro são um documento importante sobre a situação política portuguesa.

⁵² Entre diversas delegações, um exemplo: a visita da delegação do MFA (3-11/Mar./75), chefiada pelo capitão Pinto Soares, com mais de vinte páginas de documentos sobre a estada na Jugoslávia e reuniões posteriores, em Lisboa, do embaixador jugoslavo com alguns dos cinco membros da delegação.

⁵³ Vindo de Sofia, fez uma paragem de horas no aeroporto de Belgrado e falou com Miloche Minitch sobre situação política portuguesa. Este relatório (4 p.) termina: «*Apesar de tudo, concluiu Antunes, as forças progressistas de Portugal encontram-se perante uma segunda grande oportunidade histórica. As forças de esquerda registaram um sucesso nas eleições, foi aprovada uma Constituição progressista e reforçaram-se os elementos progressistas nas fileiras do MFA. Caso haja sucesso nos esforços de colocar à frente do Estado um homem que seja a garantia da estrita aplicação dos princípios constitucionais, a democracia estará assegurada e aberto o caminho para uma marcha gradual para o socialismo. Esta é uma possibilidade que não se pode perder. Está optimista, mas não se pode excluir nem alguma imprevisita reviravolta desfavorável. Para a aproximação dos socialistas e comunistas, infelizmente, ainda não há condições.*»

LCJ uma importante documentação (mais de 2000 páginas) sobre estes anos, salientando-se os relatórios das conversações havidas em Belgrado, Lisboa ou Luanda⁵⁴ e as transcrições das gravações de uma dezena de reuniões conjuntas das comissões de relações internacionais da LCJ e da ASPTJ, em que foi discutida a situação política portuguesa e da independência de suas colónias, principalmente, de Angola⁵⁵.

Há ainda a documentação recepções e conversações que Tito teve com políticos portugueses (Mário Soares, Costa Gomes, Álvaro Cunhal e Vítor Alves) entre Janeiro de 1975 e Março do ano seguinte. As duas últimas foram posteriores ao *25 de Novembro* (Fev./Mar.76). São algumas centenas de páginas de relatórios, telexes e fotografias⁵⁶ dessas visitas, pertencendo a sua maior parte à visita presidencial de Costa Gomes (Out./75).

Quanto à documentação de 1976 e 1978, os telexes e relatórios — governos e crises, reuniões com dirigentes políticos portugueses e diplomatas estrangeiros, visitas de delegações e relações económicas, culturais, etc. — continuam a ter mais de mil (ADMNE) ou centenas de páginas anuais (AJ).

Igualmente, procuram transmitir a melhor informação possível sobre Portugal. Depois, a sua leitura e estudo confirmam plenamente essa apreciação.

⁵⁴ As dezenas de páginas dos relatórios das visitas das delegações jugoslavas (Fev. e Nov./75) e sua discussão na citada Comissão de Relações Internacionais são outros documentos importantes sobre a situação político-militar angolana desse ano da independência.

⁵⁵ Como, por exemplo, as citadas visitas a Angola: a primeira delegação esteve, em Luanda, no 4 de Fevereiro e teve conversações com dirigentes do MPLA (Agostinho Neto, Lopo do Nascimento e outros), representantes da FNLA e UNITA no governo de transição e o alto-comissário, general Silva Cardoso; a segunda presenciou (Luanda, 11/Nov.) a proclamação da independência. Como o avião da TAP, em que viajavam os membros da delegação jugoslava, não aterrou no aeroporto luandense por razões de segurança, a Jugoslávia foi representada pelo seu embaixador na República do Congo.

⁵⁶ O arquivo fotográfico do ex-AIBT encontra-se, como foi dito, no Museu da Jugoslávia.

Conclusões

Em três arquivos de Belgrado, há mais de quinze mil páginas de documentos relativos às relações da Jugoslávia com Portugal (1941-78) e, após 1961, com os movimentos de libertação das colónias portuguesas. Há, ainda, os artigos e notícias publicados na imprensa jugoslava. Sem esquecer, centenas de fotografias, metros de filmes e minutos de programas televisivos e radiofónicos desses anos que também se encontram nesses e noutros arquivos belgradenses. Repartem-se, pode-se dizer, por quatro períodos distintos, que abrangem trinta e sete anos do século XX.

Tomando como referência só a história portuguesa, está-se perante fontes inéditas e importantes que, pelo seu número e valor, merecem ser estudadas. Além disso, estes fundos oferecem uma escolha variada de temas de investigação aos historiadores.

Sob um ponto de vista arquivístico, os milhares de documentos existentes nestes arquivos de Belgrado são uma surpresa merecedora das atenções dos arquivos portugueses (e não só).

Por tudo isto, aqui fica esta chamada de atenção.

SIGLAS USADAS

AD MNE - Arquivo da Jugoslávia.

AIBT - Arquivo Iosip Broz Tito.

AJ - Arquivo da Jugoslávia.

CF ASPTJ – Conferência Federal (presidência) da Aliança Socialista do Povo Trabalhador da Jugoslávia.

CONCP – Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas.

CEF – Conselho Executivo Federal (governo).

DRIL – Directório Revolucionário Ibérico de Libertação.

EPJ – Exército Popular Jugoslavo.

LCJ – Liga dos Comunistas da Jugoslávia (após 1952).

OAS – Organização do Exército Secreto (*Organisation de l'Armée Secrète*)

PCJ – Partido Comunista da Jugoslávia (até 1952).

RSFJ - República Socialista Federativa da Jugoslávia.

SENE – Secretariado Estatal dos Negócios Estrangeiros (1965-72).

SFDP – Secretariado Federal da Defesa Popular.

SFNE – Secretariado Federal dos Negócios Estrangeiros (1972-92).

TANJUG – Agência Telegráfica da Nova Jugoslávia.

UDENAMO – União Democrática Nacional de Moçambique.

UEJ – União dos Estudantes da Jugoslávia.

UJT - União da Juventude da Jugoslávia.

As Relações Jugoslavo-Portuguesas (1961-78) nos arquivos de Belgrado***Yugoslav-Portuguese relations (1961-78) in the records kept in Belgrade*****RESUMO:**

O período das relações jugoslavo-portuguesas (1961-74) trata das ligações (e ajudas) das organizações político-sociais jugoslavas com a oposição antifascista portuguesa e os movimentos de libertação das colónias portuguesas. Um outro período (1974-78) abarca o *25 de Abril*, a descolonização e os primeiros anos pós-*25 Novembro*. Mais de dez mil páginas de documentos encontram-se em dois arquivos de Belgrado — Arquivo da Jugoslávia e Arquivo Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Outro tipo de documentação (fotografias, filmes e registos televisivos ou sonoros) está nos acima citados arquivos, na Secção de Documentação da Radiotelevisão da Sérvia e no Arquivo da *Filmske Novosti*.

PALAVRAS-CHAVE:

Relações jugoslavo-portuguesas (1961-78); oposição antifascista portuguesa (FPLN, PCP e ASP/PSP); movimentos de libertação das colónias portuguesas (MPLA, PAIGC e FRELIMO); *25 de Abril*; descolonização (1974-75).

ABSTRACT:

One period of Yugoslav-Portuguese relations (1961-74) describes relations (and support) between Yugoslav political-social organisations and Portuguese opposition to Fascism and Portuguese movements for colonial freedom. Another period (1974-78) focuses on the revolution of *25 April*, decolonization and the early post-*25 November* years. Over ten thousand pages of documents can be found in two archives of Belgrade — the Yugoslav Archive, the Diplomatic Archive of the Ministry of Foreign Affairs. Other kinds of documents (photos, films and television and sound clips) incorporate the aforementioned archives, in the Serbian Radio and Television Documentation Unit and in *Filmske Novosti* Archive.

KEYWORDS:

Yugoslav-Portuguese relations (1961-78); Portuguese opposition to Fascism (FPLN, PCP and ASP/PSP); Portuguese colonial freedom movements (MPLA, PAIGC and FRELIMO); *25 April*; decolonisation (1974-75).

*Les relations yougoslavo-portugaises
(1961-78) dans les Archives de Belgrade*

RÉSUMÉ:

La période des relations yougoslavo-portugaises 1961-74 concerne les liaisons (et l'appui) entre les organisations politico-sociales yougoslaves et l'opposition antifasciste portugaise et les mouvements de libération des colonies portugaises. Une autre période (1974-78) couvre La Révolution des Oeillets (le 25 *abril*), la décolonisation et les premières années après le 25 *novembre*. Plus de dix mil pages de documents se trouvent chez deux archives à Belgrade — l'Archive de la Yougoslavie, l'Archive Diplomatique du Ministère des Affaires Etrangères. D'autres types de documentation (photographies, films et registres télévisés ou audio) se trouvent chez lesdites archives, dans la Section de Documentation de la Radiotélévision de Serbie et dans l'Archive de *Filmske Novosti*.

MOTS-CLÉ:

Relations yougoslavo-portugaises (1961-78); opposition antifasciste portugaise (FPLN, PCP et ASP/PSP); mouvements de libération des colonies portugaises (MPLA, PAIGC e FRELIMO); Révolution des Oeillets (le 25 *abril*); décolonisation (1974-75).

Lok 297 sezana/2 269 31 27 1310

excellence ministre affaires etrangers beograd

Sardelic 35036

dans le train j'ai vu que services italiens ont donne
informatiun erhonne stop je corrige arriverai beograd avjourdai
vingtsept a vinatroids nevres respectveuses salutations
gneneral delgado

*Brigade ce Coppenha
u jubile ce gausman
o bare*

--
dana 27.9.1515 ^hored manic prim #
dsip beograd mto

*Jubiler
27.9.17*

Brigada Koppenha, Direcc Neapoliti 35

*Obvestin dug tika porisovic is lije va mir,
koji is je nacilenti is stauri*

27.12.61

J. Krišlovic

01 - Telegrama de Humberto Delgado

lok.¹ 297 sejana²/2 269 31 27 13H10

excelência ministro negócios estrangeiros belgrado

Sardelitch 35036³

no comboio vi que serviços italianos deram
informação errada stop eu corrijo chegarei belgrado hoje
vintesete às vintetrês horas respeitosas saudações
general delgado

***Ver com Sardelitch
e contactar quem estiver de serviço
sobre isto***

dia 27.9 15,15h pred manic prim⁴
dsip⁵ belgrado mlo⁶

***Iovitch (?)
27917***

(verso)

Vukosava Kritchkovitch, Aleksa Nenadovitch 35

Foi informado o camarada Lhuba Iosipovitch da Liga da Paz
que irá esperá-lo à estação

27.IX 61

c/e
V.Kritchkovitch

¹ localidade.

² Sejana (*Sežana*, estação na fronteira jugoslavo-italiana).

³ Extensão telefónica ou número do telefone.

⁴ (?).

⁵ Secretariado Estatal dos Negócios Estrangeiros.

⁶ (?).

DANAS SPORTSKI DOĐATAK NA ČETIRI STRANE

Репортер «НОВОСТИ» Дејан ЛУКИЋ, први југословенски новинар у Лисабону после рата. Јавља:



ЕКСПЛОЗИЈА ОЛАКШАЊА У ПОРТУГАЛИЈИ

● Зелене беретке и маринци, наоружани до зуба, чувају остатке пушковаца у главном граду, али у земљи пушачка удануте су прасне руже и карабини
● СТРАНА 7.

Субота, 4. мај 1974.

ЦЕНА 1,50 ДИНАРА

вечерње
НОВОСТИ
Београд · Година XXII

ДНЕВНИ ЛИСТ С НАЈВЕЋИМ ТИРАНОМ У СФРЈ



БЕОГРАДСКО
ИЗДАЊЕ

РЕХАБИЛИТОВАНИ »ЗАВЕРЕНИЦИ«

У ЛИСАВОНУ као и у целој Португалији забележена је прва експлозија олакшања. После ратног поља нека функционисала диктатура. Португалци су први пут пре четини дана послали Први Мај. „Хуга спаса“ која је 25. априла извршила проваљивајући улаз код дана касније ослободила је групу од 33 официра који су били уапшени 15. априла после неуставног постојања завере против владе бившег премијера Марсеља Каetano.

НА СВИЦИ: Одушевљени војници гарнизона у Каададе де Ганши поздрављају новинара неколико официра који су учествовали у завери

● **НОРЕД ЕКСКЛУЗИВНОГ ИЗВЕШТАЈА** наше специјалне агенције из Лисабона на илустрацијским странама објављујемо фоторепортажу о најновијим догађајима у тој земљи.

Завршено пријављивање некретнина

ВОЈДОВЧАНИ НАЈБРОЈНИЈИ „ПОСЕДНИЦИ“

■ ПРЕМА НЕПОТПУНИМ ПОДАЦИМА ДО ЈУЧЕ У ВОЈДОВЦУ ПРОКЊИЖЕНО 71.139 ПРИДАВА. АЛИ ЊЕ ИХ БИТИ ЈОШ ВИШЕ КАД СТИГНУ ПОШТАНСКЕ ПОШИЛКЕ ■ УКУПНО ОКО 100.000 БЕОГРАЂАНА ПРИЈАВИЛО НЕКРЕТНИНЕ

● СТРАНА 11.

ВЕЋ ОД ОВОГ МЕСЕЦА НА ДРУМОВИМА СРБИЈЕ

РАДАР ЛЕЧИ »БЕЛОВОСТИ«

● Из средстава од кампањених ками за саобраћајне прекршаје мобилно 200 јерича радиће наред године, па ће ускоро сва возила са „Беланима“ гудала бити искључена из саобраћаја

● СТРАНА 15.



УСТАШКО ПОЗЕМЉЕ У ШВЕДСКОЈ, ОРГАНИЗАТОР НЕДАВНО ОТКРИВЕНЕ ВЕЛИКЕ ПЉАЧКЕ КРИНА И КРВНИХ КОНФЕРАЦИЈЕ У ТЕТЕБОРУ

Пљачка, узгредна делатност усташа

● Суд у Малаку донео је закључак да су сви шесторица пљачкаша, чија имена нису објављена, „блески рођаци“ чланова банде који су држали југословенског авиофицира у Стокхолму Владомира Радована

● Шведски лист „Артебет“ закључава да се истрага наставља и да се још случај истражи и са другог аспекта

● СТРАНА 16.

Још само Талас

вечерње
ВЕЛИКА АКЦИЈА НОВОСТИ

ВАЗДУШНА ФЛОТА НОВОСТИ

за светско првенство
У ФУДБАЛУ

● ЈУГОСЛАВИЈА-БРАЗИЛ
● ЈУГОСЛАВИЈА-ШКОТСКА
● ФИНАЛЕ

Југословенска извозна и кредитна Банка
Диванска индустрија Неш
Центротелсма-Београд
Алп-Пирот

Београд

СВЕ О ВЕЛИКОЈ АКЦИЈИ-УСКОРО У НОВОСТИМА

Repórter do «Notícias» Dejan Lukitch, primeiro jornalista jugoslavo em Lisboa depois do golpe de Estado, informa:

(Fotografia) **E X P L O S Ã O D E A L Í V I O**
E M P O R T U G A L • Boinas verdes e fusileiros, armados até aos dentes, guardam pontos sensíveis da capital, mas nos canos das espingardas têm espetadas rosas e cravos vermelhos
● **PÁGINA 7**

Sábado, 4 de Maio de 1974

2

R E A B I L I T A D O S O S
«C O N S P I R A D O R E S»

NOTÍCIAS
DA TARDE

EDIÇÃO
BELGRADENSE

Em Lisboa como em todo Portugal registou-se uma verdadeira explosão de alívio. Depois de quase meio século de ditadura fascista, os portugueses festejaram pela primeira vez, faz quatro dias, o Primeiro de Maio. A «Junta de Salvação» que, no dia 25 de Abril, fez o golpe de Estado, libertou, logo um dia depois, um grupo de 33 oficiais que estavam presos desde 15 de Abril após uma fálhada tentativa de conspiração contra o governo do ex-primeiro-ministro Marcelo Caetano.

NA FOTOGRAFIA: Soldados entusiásticos do quartel das Caldas da Rainha saudam o regresso de alguns oficiais que participaram na conspiração.

● **JUNTO À REPORTAGEM EXCLUSIVA** do nosso repórter especial de Lisboa, publicamos nas páginas ilustradas uma foto-reportagem sobre os acontecimentos mais recentes neste país.

(fotografia)



05 - Conversações Tito-Costa Gomes, Belgrado, Outubro de 1975



06 – Conversações Tito-Mário Soares, Belgrado, Janeiro de 1975



07 - Conversações Tito Álvaro Cunhal, Dubrovnik, Fevereiro de 1976

Os Cadernos do CEIS20 são publicados pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra-CEIS20.

Esta publicação, de pequena dimensão, tem por objectivo dar a conhecer resultados parciais ou finais de pesquisas realizadas no âmbito deste Centro e reflectem, por isso, a actividade de investigação efectuada. Os trabalhos publicados têm que ser inéditos e devem incentivar o debate de temas e de problemas do século XX.

Coordenação: João Rui Pita

